

O QUE É A LITURGIA

Sacrosanctum Concilium | Liturgia, obra da Trindade | Presença de Cristo

ABERTURA

Provavelmente neste tema iremos cruzar alguns apontamentos já apresentados ou que serão ainda mais desenvolvidos nos seguintes... mas torna-se imprescindível tratar a Liturgia num só apartado por forma perceber o que é e a sua importância na História da Salvação. Ela é o momento atual desta história onde Deus salva o homem e onde o homem deve e pode, como resposta na fé, dar glória ao seu Salvador!

«São acções litúrgicas aqueles actos sagrados que, por instituição de Jesus Cristo ou da Igreja e em seu nome, são realizados por pessoas legitimamente designadas para este fim, em conformidade com os livros litúrgicos aprovados pela Santa Sé, para dar a Deus, aos santos e aos beatos o culto que lhes é devido; as demais acções sagradas que se realizam numa igreja ou fora dela, com ou sem sacerdote que as presida ou dirija, chamam-se exercícios piedosos»

Sagrada Congregação dos Ritos,
*Instrução sobre a música sacra e a
sagrada liturgia*, 1958, 6.



SACROSANCTUM CONCILIUM

Na constituição *Sacrosanctum Concilium* (SC) sobre a sagrada liturgia, promulgada a 4 de Dezembro de 1963, fruto do Concílio Vaticano II, encontramos:

«Em tão grande obra, que permite que Deus seja perfeitamente glorificado e que os homens se santifiquem, Cristo associa sempre a si a Igreja, sua esposa muito amada, a qual invoca o seu Senhor e por meio dele rende culto ao Eterno Pai. Com razão se considera a Liturgia como o exercício da função sacerdotal de Cristo. Nela, os sinais sensíveis santificam e, cada um à sua maneira, realizam a santificação dos homens; nela o Corpo Místico de Jesus Cristo – cabeça e membros – presta a Deus o culto público integral» (SC 7).

A liturgia, cuja parte essencial é constituída pelos sacramentos, é toda ela um sinal sagrado, assim como o é a própria Igreja: o elemento visível é sinal eficaz de uma realidade sobrenatural; eficácia que é diferente consoante os sinais sacramentais ou demais sinais, mas ao mesmo tempo análoga pois todos eles tornam presente Cristo e a acção do Espírito Santo.

A acção litúrgica não só faz subir para Deus a oração de adoração (acção de graças) e de súplica da Igreja, como também faz descer sobre a própria Igreja e os seus membros a graça da redenção.

A economia da salvação é o lugar e natureza próprios da liturgia.

A liturgia pertence ao povo cristão, o qual, pelo Baptismo, fica depurado (limpo, preparado, chamado...) a tomar parte activa na mesma, sob a direcção e a presidência do sacerdócio ministerial.



SACROSANCTUM CONCILIUM

(Concílio Vaticano II)

9. «A sagrada Liturgia não esgota toda a acção da Igreja, porque os homens, antes de poderem participar na Liturgia, precisam de ouvir o apelo à fé e à conversão...».

10. «Contudo, a Liturgia é simultaneamente a meta para a qual se encaminha a acção da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força. Na verdade, o trabalho apostólico ordena-se a conseguir que todos os que se tornaram filhos de Deus pela fé e pelo Baptismo se reúnam em assembleia para louvar a Deus no meio da Igreja, participem no Sacrifício e comam a Ceia do Senhor. A Liturgia, por sua vez, impele os fiéis, saciados pelos «mistérios pascais», a viverem «unidos no amor»; pede «que sejam fiéis na vida a quanto receberam pela fé»; e pela renovação da aliança do Senhor com os homens na Eucaristia, e aquece os fiéis na caridade urgente de Cristo...».

CENTRALIDADE DO MISTÉRIO PASCAL DE CRISTO

A liturgia, enquanto celebração, não é senão a manifestação, presença e comunicação rituais do *mistério pascal* de Cristo para a vida dos fiéis. Daí que, no centro de toda a ação litúrgica, se situem os ritos e festas que celebram o mistério pascal de modo nuclear: a Eucaristia e o Tríduo Pascal.

Para entendermos a liturgia como memorial do mistério pascal de Cristo é necessário ter consciência da estreita relação entre *Igreja, Liturgia (eucaristia) e memória*. Tal vínculo encontra o seu fundamento nos acontecimentos que deram origem ao mistério da Igreja e, de modo especial, o mandato eucarístico reconhecido nos relatos da instituição transmitidos pelo NT e textos litúrgicos: “*fazei isto em memória de Mim*”. A *memória ritual* (“isto”) torna-se o núcleo da própria tradição eclesial: “*eu recebi do Senhor o que também vos transmiti: o Senhor Jesus na noite em que era entregue, tomou pão...*” (1Cor 11,23).

A obra da nossa redenção, presente, manifestada e comunicada nos mistérios de Cristo, continua presente, manifesta e comunicada na atualidade histórica através dos mistérios da liturgia.

O rito litúrgico é a linguagem na qual se expressa o diálogo de comunhão de Deus com o homem na Igreja. A celebração litúrgica é, no seu núcleo mais radical, *oração*, participação no diálogo de comunhão de Cristo-Igreja com o Pai: “A liturgia é também participação na oração de Cristo, dirigida ao Pai no Espírito Santo” (CIC 1073).

PARA REZAR

- *Esta semana vou rezar, todos os dias, o salmo 8... e todos os dias escrevo o que senti e meditei... na próxima reunião vou partilha com o grupo..*
- *Se me for possível, farei essa oração diante do Santíssimo...*
- *Além disso, durante a semana, cuidarei de preparar as leituras do próximo domingo...*



DINAMISMO DO CULTO CRISTÃO

O Pai é a *fonte* e o *fim* da liturgia; Cristo, o Filho encarnado, é o *mediador*; e o Espírito Santo, a sua *virtus* ou *artífice*.

CIC 1091: *Na liturgia, o Espírito Santo é o pedagogo da fé do povo de Deus, o artífice das «obras-primas de Deus» que são os sacramentos da Nova Aliança. O desejo e a obra do Espírito no coração da Igreja é que nós vivamos da vida de Cristo ressuscitado. Quando Ele encontra em nós a resposta da fé que suscitou, realiza-se uma verdadeira cooperação. E, por ela, a liturgia torna-se a obra comum do Espírito Santo e da Igreja.*

Por isso, toda a fórmula litúrgica encontra sempre o seu fundamento num esquema tripartido sempre presente, mais ou menos implícito: *anamnesis* (presença de Cristo) - *epiclesis* (ação/obra do Espírito) - e *doxologia* (glorificação do Pai).

Missal Romano: *Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a Vós, Deus Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória, por todos os séculos dos séculos. Amen.*

A liturgia é, por isso, essencialmente *doxologia*, termo que significa *louvor*, *dar glória*. Na verdade, todas as fórmulas litúrgicas culminam, necessariamente, numa glorificação do Pai, por Cristo, na unidade do Espírito Santo.

A LITURGIA, OBRA DA SANTÍSSIMA TRINDADE

Celebrar a liturgia é compreender que o Senhor é Deus e se nos manifestou; perceber ou contemplar - ver, escutar, sentir, saborear - nos sinais e ações simbólicas do ato sacramental a manifestação e presença de Deus: a liturgia é, em primeiro lugar, uma *teofania*. Deus manifesta a sua força e o homem reconhece-a, adora-a e glorifica-o.

A compreensão da liturgia é mais completa e coerente quando se situa dentro da economia salvífica projetada e revelada pelo Pai, cumprida pelo Filho e Nosso Senhor Jesus Cristo e levada a cabo (realizada) pelo Espírito Santo na Igreja.

A noção de liturgia, enquanto presença atual da obra e da pessoa de Cristo, pressupõe a sua constituição segundo a Dialética trinitária da economia do mistério: toda a celebração sacramental - e de forma eminente a Eucaristia - vive os três movimentos da Páscoa de Jesus: o Pai dá-nos o seu Filho amado, o Verbo assume a nossa carne e a nossa morte para que ressuscitemos com Ele, e o seu Espírito faz-nos entrar na comunhão eterna do Pai.

Trata-se de viver a liturgia como ação da Trindade. O Pai é quem age por nós nos mistérios celebrados; é Ele que nos fala, nos perdoa, nos escuta, nos dá o seu Espírito; a Ele nos dirigimos, o escutamos, louvamos e invocamos. Jesus é quem atua em razão da nossa santificação, fazendo-nos participantes do seu mistério. O Espírito Santo é o que intervém com a sua graça e nos converte no corpo de Cristo, a Igreja (cf. João Paulo II EE, 71).

Na verdade, em toda a celebração sacramental agem os três atores - o Pai, o Filho e o Espírito Santo - da liturgia eterna. A Trindade Santa difunde as suas energias deificantes e a glorifica. Se a separamos do mistério trinitário, a liturgia fica limitada a mera obra humana, a simples expressão cultural do acontecimento cristão e não a dom gratuito de comunhão divina.

A dimensão trinitária da liturgia constitui o princípio teológico fundamental da sua natureza, bem como a lei da sua celebração: a ressurreição de Cristo com a doação do Espírito está na origem da liturgia da Igreja.



PALAVRA DE DEUS

Reunis-vos, não para vosso proveito, mas para vosso dano. Em primeiro lugar, ouço dizer que, quando vos reunis em assembleia, há divisões entre vós, e em parte eu acredito. É mesmo necessário que haja divisões entre vós, para que se tornem conhecidos aqueles que de entre vós resistem a esta provação. Quando, pois, vos reunis, não é a ceia do Senhor que comeis, pois cada um se apressa a tomar a sua própria ceia; e enquanto um passa fome, outro fica embriagado. Porventura não tendes casas para comer e beber? Ou desprezais a Igreja de Deus e quereis envergonhar aqueles que nada têm? Que vos direi? Hei-de louvar-vos? Nisto, não vos louvo. Com efeito, eu recebi do Senhor o que também vos transmiti: o Senhor Jesus na noite em que era entregue, tomou pão e, tendo dado graças, partiu-o e disse: «Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim». Do mesmo modo, depois da ceia, tomou o cálice e disse: «Este cálice é a nova Aliança no meu sangue; fazei isto sempre que o beberdes, em memória de mim.» Porque, todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha. Assim, todo aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente será réu do corpo e do sangue do Senhor.

(1Cor 11,17-27)

A CELEBRAÇÃO LITÚRGICA: PRESENÇA DE CRISTO

Como vimos acima, e seguindo a doutrina conciliar, a ação litúrgica foi descrita como “celebração do mistério para a vida”. *Presença, manifestação e comunicação* rituais do mistério são, nesta perspectiva, o significado mais profundo da celebração de culto. A *manifestação* do mistério como sua *comunicação* derivam, em última instância, do acontecimento da sua *presença*. Assim, *manifestação e comunicação* do mistério são dimensões subordinadas à realidade da *presença*. A celebração litúrgica é essencialmente ressonância ou, melhor, presença sempre atual do mistério de Cristo, realizado de uma vez por todas: “A liturgia cristã não se limita a recordar os acontecimentos que nos salvaram: actualiza-os, torna-os presentes” (CIC 1104).

Ainda que a liturgia se celebre necessariamente por meio de um código simbólico - o rito - o seu significado não provem dos símbolos usados, mas sim do fundamento e origem cristo-eclesiológico expresso no mandato institucional: “*fazei isto em memória de Mim*” (cf Lc 22,19; 1Cor 11,24-25). A liturgia nasce da Páscoa, do acontecimento fondante e fundamental... não dos seus símbolos ou rito. O rito atualiza e expressa esse momento único e fundamental. Sem perder o seu caráter simbólico, o rito eclesial de culto é, primordialmente, uma ação sacramental: “a obra de Cristo na liturgia é sacramental, porque o seu mistério de salvação torna-se ali presente pelo poder do seu Espírito Santo” (CIC 1111). A celebração litúrgica continua, por isso, na Igreja, o mistério de Cristo até ao fim dos tempos. Fiel ao mandato recebido do Senhor, a Igreja atualiza na celebração do culto a obra da redenção. Na liturgia, o próprio Cristo está presente e age por toda a Igreja e com a Igreja. Cristo e a Igreja (*Christus totus*) são os sujeitos da celebração.

QUERO APROFUNDAR

Catecismo da Igreja Católica (CIC), 1076-1134.

Concílio Vaticano II, *Sacrosanctum Concilium*, 5-13.

Bento XVI, *Deus caritas est*: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html